

**Que Festa é essa? Analisando as Festas Juninas de Caruaru e Campina Grande  
das Revistas de Turismo**

**MARQUES, Priscilla Carla Leite<sup>1</sup>**

**Resumo**

Estudar as festas populares atualmente constitui-se em um elemento importante para a compreensão de uma localidade, seu modo de vida e de seus habitantes. No nordeste do Brasil, as festas configuram-se como grandes atrativos turísticos. Essa constatação pode ser visualizada na quantidade de matérias que ilustram todos os anos as revistas especializadas em turismo no país. O objetivo desse estudo é analisar o conteúdo dessas matérias e verificar como elas retratam as festas juninas de Caruaru-PE e Campina Grande-PB. Foram analisadas, utilizando a análise de discurso como metodologia, matérias de duas revistas nacionais dedicadas à prática turística: Revista Viagem e Turismo e Revista Próxima Viagem. Com a realização das análises, observa-se que as festas de Caruaru e de Campina Grande retratadas, antes mesmo de serem atrativos turísticos, são grandes festas populares que refletem a alma do povo nordestino, seus costumes e comportamentos. São descritas como vivas, alegres, coletivas e múltiplas tornando-se um excelente momento para visitar e conhecer o nordeste brasileiro.

**Palavras-chave:** festa junina. análise do discurso. turismo. revista.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE, Professora do curso de Turismo da Faculdade Metropolitana da Grande Recife.

### **Iniciando...**

Há algum tempo que as festas populares têm se destacado como tema de pesquisas sociais, merecendo grupos de trabalho em congressos e publicações exclusivas sobre a temática. Por sua natureza, estudar as festas populares constitui-se um elemento importante para a compreensão de uma localidade, seu modo de vida e de seus habitantes. “A preocupação com a festa como uma das formas de manifestação da sociabilidade do homem brasileiro tem sido assunto constante em pelo menos dois séculos de produção literária no país” (COSTA SOBRINHO<sup>2</sup>), sendo também tema recorrente nos relatos dos viajantes sobre o cotidiano do país desde o período colonial. A festa configura-se como um item a ser estudado pelas ciências sociais, por ser compreendido a partir de diversos aspectos: patrimônio cultural imaterial de um povo, momento de vivência excepcional, de quebra da rotina, alternativa de lazer, de diversão, de exercício da fé, de interação social.

As festas populares no nordeste do Brasil são atualmente um dos principais atrativos turísticos da região, motivando uma grande demanda para viajar e participar desses eventos. Percebe-se, fundamentalmente, que essas festas estão ligadas aos ciclos de comemorações cristãs: Natal, Carnaval/Páscoa, Festejos Juninos (Santo Antônio, São João, São Pedro), sendo a última o objeto do presente estudo.

As festas juninas carregam diversas tradições e manifestações culturais populares as caracterizam como uma das festas mais genuinamente brasileiras, especialmente no nordeste. Os trios de forró, xote e baião, as quadrilhas e os grupos de coco ilustram a festa, trazendo-a certas peculiaridades, principalmente no interior. Junte a isso, comidas e bebidas típicas como canjica, pamonha, quentão, pé-de-moleque, bolo de mandioca e macaxeira, entre outras guloseimas, e a caracterização dos festejos juninos completa-se. Todos os elementos, junto com as adivinhações, elemento místico, típico do catolicismo popular da região, configuram a festa com uma dimensão lúdica enorme e de afirmação da identidade cultural nordestina, disponibilizando mais opções de entretenimento para a população local e impulsionando a realização de viagens e o estabelecimento da atividade turística na localidade, gerando impactos e o estabelecimento de variadas relações sociais, que acabam provocando mudanças na natureza da festa e na própria dinâmica das relações socioeconômicas e culturais das comunidades nas quais se realizam estas festas.

---

<sup>2</sup> Comentário feito na orelha do livro a Festa do Interior de Autoria de Chianca (2006).

Atualmente as festas juninas transcendem os aspectos formais, culturais e religiosos para dar lugar aos anseios da mídia e das instituições comerciais. Os meios de comunicação de massa interferem na natureza das festas, transformando-as em produtos para a sua programação, seja TV, rádio, jornal ou revista. O turismo também interfere dessa mesma forma. Gestores turísticos, sem compreenderem a grande importância da dimensão sociocultural das festas, as transformam pouco a pouco em meros produtos turísticos, agregando elementos que terminam por desvirtuar a originalidade do festejo.

A constatação de que os festejos juninos são atrativos turísticos consolidados no Brasil pode ser visualizada através das matérias que ilustram todos os anos as revistas especializadas em turismo no país. O objetivo desse estudo é analisar o conteúdo dessas matérias e verificar como elas retratam essas festas, em especial as festas juninas de Caruaru – PE e Campina Grande – PB. Essas cidades foram escolhidas pela representatividade e reconhecimento de suas festas como sendo as maiores e melhores do mundo. As duas cidades travam uma disputa por esses títulos e possuem uma variedade imensa de elementos e atrativos ligados ao festejo que extrapolam a caracterização de uma festa junina, transformando-o em um evento diferenciado. Alguns estudiosos como Chianca (2006) e Lima (2002) colocam que a urbanização das cidades interferiu e interfere na história das festas juninas. Caruaru e Campina Grande são exemplos de cidades nas quais suas festas cresceram acompanhando o desenvolvimento e a crescente urbanização das mesmas. Caruaru, distante cerca de 125 km da capital pernambucana, localiza-se no agreste do estado, no vale do Ipojuca. Possui mais de 250 mil habitantes e tem 85% de sua área urbanizada.<sup>3</sup> Já Campina Grande, cidade com mais de 370 mil habitantes, localiza-se a 120 km de João Pessoa e possui quatro distritos industriais, se destacando como importante pólo industrial do Nordeste.<sup>4</sup>

Foram analisadas matérias de duas revistas nacionais dedicadas à prática turística: Revista Viagem e Turismo, da Editora Abril, e a Revista Próxima Viagem, da Editora Peixes. Ambas – mensais – editaram matérias em maio de 2007 sobre as festas juninas das cidades citadas acima. As revistas são bem semelhantes, tanto no formato, quanto no público-alvo. Trazem matérias de destinos nacionais e internacionais, relatos de viagens, roteiros comentados e experimentados, sugestões de viagens e pacotes, além de muita propaganda de agências de viagem e operadores turísticos. Apesar de ter circulação nacional, as revistas se

---

<sup>3</sup> <http://www.caruaru.pe.gov.br/dadosgerais.asp> / Acesso em Junho de 2007

<sup>4</sup> <http://portal.pmcg.pb.gov.br/?page=81> / Acesso em Junho de 2007

dirigem aos leitores do sudeste, principais emissores de turista do país. Seus leitores são, na maioria, de classe média e possuem uma cultura de realizar viagens de forma sistemática e constante, julgando importantes as informações ofertadas por esse tipo de publicação.

Contudo, a linguagem e o formato usado para essas matérias sobre as festas juninas foram diferentes. A revista Viagem e Turismo publica todos os meses um guia, denominado Guia de viagem, que pode ser destacado da revista, com informações mais objetivas sobre a destinação. O guia do mês de maio de 2007 versa sobre as 10 melhores festas juninas do Norte e Nordeste. O guia introduz a matéria destacando Caruaru e Campina Grande como os principais pólos festivos, além de explicar as atividades que acontecem nesse período. Segue fazendo uma breve descrição dos eventos escolhidos, do que se deve ver e viver nas localidades durante a festa e fora da festa, e oferece dicas sobre pacotes. O material traz ainda um calendário com datas importantes para os festejos do norte e nordeste. A revista Próxima Viagem traz uma artigo sobre um roteiro: Recife – Caruaru – Campina Grande – João Pessoa durante o mês de Junho, para aproveitar os festejos juninos. Além das festas, sugere também atrações que se encontram no caminho dessas cidades, apesar de designar tal roteiro como o roteiro do forró.

A análise de discurso é a metodologia escolhida. Apesar de inicialmente está ligada à lingüística, a análise do discurso contou para seu amadurecimento com a contribuição de outras áreas acadêmicas, inclusive da antropologia. A linguagem costumava ter uma função meramente metodológica para estudar os processos sociais, contudo, paulatinamente, conquistou espaço e começou a figurar como tema central das investigações sociais (IÑIGUEZ, 2004). Para Orlandi (2002, p.15), “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história”. Percebe-se que a análise do discurso pode ser o foco principal do trabalho da lingüística, ao mesmo tempo em que pode ser uma metodologia utilizada na sociologia, antropologia e psicologia para entender as práticas sociais através da linguagem, do discurso e do enunciado.

Apesar de não ser uma área de estudo tão nova, seus primórdios datam da década de sessenta do século passado, ainda possui muitas controvérsias, como coloca Stubbs(1983), apesar do muito que foi escrito sobre o assunto, as conclusões ainda são parciais.

Na verdade, existem variadas perspectivas na análise do discurso, talvez, por isso, as inconclusões e o teor controverso do assunto. Iñiguez (2004, p.53) afirma que a “análise do

discurso é um rótulo comumente usado para definir uma grande quantidade de métodos empíricos que são utilizáveis e utilizados para o estudo de uma enorme variedade de temas”. Essa realidade é notável ao estudar as categorias que dividem a análise do discurso em duas escolas com orientações diferenciadas, como se observa no quadro abaixo:

	Análise do Discurso Francesa	Análise do Discurso Anglo-Saxã
Tipo de discurso	<i>Escrito</i> Quadro institucional doutrinário	<i>Oral</i> Conversação cotidiana comum
Objetivos determinados	<i>Propósitos textuais</i> explicação – forma <i>Construção do objeto</i>	<i>Propósitos comunicacionais</i> descrição – uso <i>Imanência do objeto</i>
Método	“estruturalismo” <i>lingüística e história</i>	interacionismo <i>psicologia e sociologia</i>
Origem	lingüística	antropologia

Fonte: Gadet (apud Mainguenu, 1997, p.16).

A análise do discurso francesa articula a lingüística e a história. “Define os discursos como práticas sociais determinadas pelo contexto sócio-histórico, mas que também são parte constitutiva daquele contexto” (PINTO, 1999, p.17). Por sua vez, a análise do discurso anglo-saxã, tratada por Pinto (1999) como anglo-americana, baseia-se no empirismo, talvez por ter sua origem na antropologia. Essa tradição coloca a ação discursiva como tática adotada com o intuito de alcançar objetivos e intenções comunicativas. O uso da linguagem é o princípio básico da proposta anglo-saxã. (IÑIGUEZ, 2004; PINTO, 1999).

Essa variedade de posições torna difícil o estabelecimento de uma definição precisa para a análise do discurso. Atualmente, delimita-se o campo da análise do discurso para o estudo de qualquer uso lingüístico, seja falado e/ou escrito, sendo esse uso lingüístico visto como prática social.

Orlandi (2002, p.26) é bastante pertinente ao colocar a análise do discurso visando “a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. Os sujeitos aqui colocados são os participantes do discurso que significam esse discurso com base no contexto que vivem. “O contexto é a dimensão determinante na construção de significados” (IÑIGUEZ, 2004, p.111).

O analista precisa compreender as intenções dos participantes e também o seu contexto. O analista termina por investigar o ambiente sociocultural para entender as condições que os discursos são produzidos e significados.

Para a análise das matérias escolhidas para este trabalho, a análise de discurso se faz bastante eficiente por permitir visualizar as festas juninas de Caruaru e Campina Grande a partir de um veículo de comunicação que pode contribuir ou não para o desenvolvimento das localidades turísticas retratadas nos artigos. Se o local estiver preparado, a matéria é uma excelente divulgação, mas se ele não estiver pronto para receber os visitantes, a matéria trará grandes problemas.

O discurso jornalístico é, sem dúvida, um dos menos livres e menos gratuitos, por ser produzido em instituições, na sua maioria, capitalistas e cercadas de interesses políticos. Por isso, esse discurso se apresenta atravessado por motivações e necessidades que, tanto quanto possível, escondem-se em suas malhas simbólicas. (DORNELES, 2003, p.4.)

Para os textos de comunicação em revista, a análise do discurso se mostra uma ferramenta interessante quando se colocam os textos como discursos de um meio de comunicação que possui objetivos comerciais definidos com foco em um determinado público-alvo. Além de informar, o texto pode sugerir intenções e posicionamentos com interesses variados, que dependendo da interpretação do leitor pode ser significada positiva ou negativamente.

### **Analisando...**

A análise será dividida por revista, iniciando pela Revista Viagem e Turismo, seguida da Revista Próxima Viagem. Ambas as revistas falam da rivalidade das duas festas, da disputa por possuir a maior festa junina do mundo, contudo argumentam para que o leitor não se importe com isso, não tome partido, apenas aproveite o que as duas festas têm a oferecer.

### **REVISTA VIAGEM E TURISMO**

A revista inicia a matéria ressaltando a duração das festas de um mês, diferente da maioria das festas populares do Brasil, pouquíssimas festas duram tanto tempo. Para o visitante, fica a oportunidade de programar sua viagem para qualquer época do mês de Junho. Coloca também que “*um transe coletivo toma conta de todo Norte/Nordeste*”, para demonstrar que todos os locais participam, às vezes, involuntariamente da festa e do clima que ela gera, transformando o cotidiano das localidades, seja pelo excesso de dança, quando coloca “*o forró anima o povo, que dança, dança, dança*”, pela mudança do cardápio, “à mesa,

só dá milho verde”. Define a festa como “*um festival cultural*”, destacando a variedade de atividades que ocorrem no festejo, principalmente as folclóricas. Destacar as manifestações que ocorrem nesse período é importante para caracterizar a festa junina. A matéria compara a atual festa junina do Norte/Nordeste a um “*carnaval caipira*”, justamente para expor a grandiosidade do evento, além de ressaltar as origens mestiças do festejo quando coloca que a festa “*embaralha a tradição religiosa européia e influências afro-indígenas*”. Essa caracterização é importante, pois tenta, desse modo, construir a festa na cabeça do leitor a partir dessas constatações e comparações, ajudando a aproximar esse festejo nordestino aquilo que lhe é mais familiar. Se a intenção é vender a festa, é interessante que ela seja compreensível e, assim, desejada. As características colocadas na matéria ajudam na visualização do evento pelo futuro viajante, que ao visitar o São João nordestino já estará ciente de algumas práticas comuns ao período e ávido por vivê-las.

A festa de Caruaru é um grande arraial, montado no palco principal, chamado de Parque de eventos. O sentido do “*arraial*” parece remeter a uma tradição que a festa tem, apesar do seu crescimento, que segundo a revista: “*a festa só cresce em número de atrações*”, demonstrando que a festa tem uma preocupação grande com a programação de shows e que espacialmente falando já cresceu ao máximo. A festa completa-se com a badalação no Alto do Moura. A revista vai além da festa e coloca esse espaço relacionado com a realidade do lugar fora do momento festivo, a tradição do artesanato de barro, que é posto como “*famoso por causa de Mestre Vitalino*”, com a intenção de avisar ao futuro turista que o lugar tem mais a oferecer. Lembra também que a localidade oferta a oportunidade de provar a gastronomia típica, aqui traduzida como “*carne-de-sol e bode na brasa*”.

Mas, como se trata de uma publicação de divulgação turística, a descrição da festa não se restringe a festa, pois amplia as possibilidades de visita no município ao colocar como “*obrigatório visitar a Feira de Caruaru, tombada pelo IPHAN como Patrimônio Imaterial do Brasil*”. Citar o tombamento gera status para a feira e para sua visitação, talvez seja esse o motivo de tal citação.

Mesmo colocada como uma das principais festas, Caruaru ainda não é servida como produto turístico pelas operadoras. Essa afirmação pode dar margem a várias interpretações: que o destino não é organizado o suficiente, que não possui um *trade* turístico articulado e que seus serviços não estão à altura dos padrões de qualidade das empresas que organizam os pacotes turísticos, ou somente que a festa é mais local ou possui uma outra dinâmica diferente



dos grandes destinos que exploram festas como Salvador, com seu carnaval, e Blumenau, com sua Oktoberfest.

O texto coloca que como a rede hoteleira lota rapidamente por ser pequena, os visitantes das festas geralmente ficam em casas alugadas ou se hospedam em cidades vizinhas, apontando a deficiência da cidade para com a atividade turística, mesmo com a tradição de muitas décadas da realização do evento.

Já Campina Grande, também possui um espaço para a festa, o Parque do Povo, “*com vários palcos, pistas para arrasta-pé e bares de comida típica*”, mostrando ao possível turista a variedade de possibilidade que a festa oferta. As atividades coletivas se destacam quando o texto coloca que “*tem até um tradicional casamento coletivo, com dezenas de casais*”, fator importante para aqueles visitantes que querem interagir com os locais e outros visitantes durante o festejo. É relevante refletir que a busca pelos momentos de vivência coletiva imperam nas motivações daqueles que da festa participam. É isso que seus participantes desejam, sejam residentes ou visitantes, se relacionar, conhecer novas pessoas, fazer novas amizades, viver romances. Esse casamento coletivo torna-se, então, uma informação que atesta à festividade o poder de proporcionar esse momento de coletividade.

Outro atrativo da festa citado no texto é o Trem do Forró; “*da Estação Velha saem vagões apinhados com 800 pessoas*”, expondo como o atrativo tem relevância pelo número da demanda que o procura e demonstrando também que velhas práticas cotidianas – como andar de trem – são plenamente aceitas durante esse período festivo, principalmente o junino, que para muitos remetem ao passado.

Além disso, a cidade também oferece ao seu festeiro turista outras possibilidades, quando na matérias são citados restaurante e galeria de arte como opções. A citação da galeria de Arte Assis Chateaubriand pode posicionar a cidade como sendo cosmopolita, já que se evidenciam na sugestão de visitação as obras de Portinari e Pedro Américo, artistas nacionais. As características regionais são ressaltadas no cardápio ofertado pelo restaurante exposto na matéria: “*a carne-de-sol e a costela de cordeiro*”.

Diferentemente de Caruaru, Campina Grande apresenta alternativas de pacotes turísticos, porém com um aviso: nos pacotes os hotéis são mais modestos. Essa advertência se faz bastante pertinente quando se é lembrado o perfil do público leitor da revista. O aluguel de casas é colocado como uma “*boa saída*” para resolver o problema de hospedagem, pois quando da publicação da revista em maio, as vagas são escassas nos hotéis da cidade.



A matéria tem a intenção de mapear as possibilidades de múltiplas vivências nesses espaços que, ligados as suas festas, conseguem ir além, agregando outros atrativos, elementos e artifícios a serem vividos durante a visita.

#### **REVISTA PRÓXIMA VIAGEM**

A proposta do artigo é propor uma viagem do carro que a revista intitula de “*Roteiro do Forró*”. Caracteriza as festas juninas, suas manifestações culturais, as mudanças que elas trazem ao cotidiano do povo da região ao compará-las com as obras do artista plástico Volpi, “*as ruas parecem desenhadas pela criativa singeleza do mestre Volpi*”. Pelo perfil do público-alvo, espera-se que rapidamente seja feita a visualização das obras de Volpi, que possui uma coleção de telas sobre as bandeirinhas de São João, com seu multicolorido. Essa comparação é refinada e tenta trazer um aspecto um pouco erudito para a descrição da festa. A descrição completa-se quando o texto coloca: “*é seguir entre danças e andanças, vivendo dias de fogueira e noites fagueiras, de rojões no céu e no acordeom*”. Esses elementos traduzem o que o viajante possivelmente encontrará nesse roteiro que passa pelas festas de Caruaru e Campina Grande.

Com mais comparações, o texto segue ressaltando a longevidade da festa, “*mais longa que a do carnaval baiano*”, afinal o evento dura exato um mês, por isso mesmo, o leitor poderá participar das duas festas.

O texto ainda ressalta outra característica dos festejos: seu caráter popular, já que as “*festas juninas nordestinas, afinal, não são excludentes. Ao contrário do Carnaval, não cobram ingresso, não aperreiam o orçamento, nem promovem a distinção de classes*”. Esse carnaval, claramente, se refere ao baiano, já citado no texto, e visto por muitos como excludente por causa das vendas dos abadás. A matéria segue ainda falando da característica coletiva que a festa carrega, pois, apesar de ser regida pelo forró, dança de casal, “*a massa, a euforia, a agitação*” não são dispensadas. Essa posição mostra ao turista o tipo de festa que ele encontrará: uma festa popular.

Os méritos da genuinidade das festas também aparecem no texto, mas para alertar ao futuro visitante que a festa já sofreu transformações, “*como se sabe, a cultura é dinâmica e adequada do sistema de vasos condutores. Muito antes da dita globalização, o Nordeste já tinha um pé no mundo*”. O texto coloca que a cultura nordestina foi composta por elementos de variadas origens e que na festa o leitor poderá vivenciar essa pluralidade.

Ao falar do festejo em Caruaru, o artigo começa retratando o espaço da festa e sua capacidade de abrigar 80 mil pessoas por noite e coloca outro atrativo que se localiza ao lado desse espaço, o Museu de Luiz Gonzaga. Percebe-se que o foco do texto não está em mostrar a festa, mas de mostrar o destino Caruaru, no momento da festividade.

Encerrando a descrição da festa em Caruaru, a matéria expõe uma outra atividade que faz parte do festejo, mas que gera um pequeno debate já que *“os puristas torcem o nariz para essa anárquica exibição de grupos como a Sapadrilha, Gaydrilha, Brinquedrilha e afins”*, pois eles saem atrás dos trios elétricos ao som do forró. Contudo, o texto já induz que essa não é uma boa idéia, pois é colocado: *“deve-se concordar que o forró não foi criado para se estender na avenida, feito o samba, o frevo e os eventuais embriagados”*.

O texto falando do São João de Campina Grande também ressalta a gratuidade do evento. Há um destaque para as grandes atrações, mas a matéria divide a atenção na programação citando as ilhas de forró, com seus grupos de forró, *“cercados de dançarinos por todos os lados”*, mostrando que o grande evento também se faz de pequenas festas.

Destaca ainda no texto, o envolvimento político e financeiro da cidade com a festa que se manifesta no discurso do prefeito: *“Não há comparação com Caruaru. Nosso São João é muito maior. São mais de 700 horas de forró”*, e também na cifra gasta esse ano: *“4 milhões de reais”*. O texto também denota, através desses números, a importância da festa para a cidade, indo além das questões socioculturais. Demonstra que o evento é visto como um negócio, sério, caro, profissional.

Termina a descrição da festa citando o trem do forró, porém não dá muitos detalhes.

Esse texto tem como principal característica a metáfora, que segue toda matéria para sempre situar o leitor. Mesmo que ele não saiba do que o texto está falando, as comparações realizadas conseguem trazer esses elementos a uma realidade mais próxima e palpável de sua realidade.

### **Concluindo...**

Com essa análise, finaliza-se o trabalho visualizando as festas juninas, nesse estudo pensada a partir das festas de Caruaru e Campina Grande, como sendo, antes mesmo de serem atrativos turísticos, grandes festas populares que refletem a alma do povo nordestino, seus costumes e comportamentos.

O leitor das revistas perceberá as festas como um excelente momento de conhecer o nordeste do Brasil, pois não só foram descritas as festas, mas também os atrativos que irão agregar valor a uma vivência turística que dará prioridade à festividade.

As festas descritas no texto, são vivas, pulsantes, antenadas ao mundo e as suas mudanças. São alegres, coloridas, até mesmo insanas, devido ao seu longo período. São coletivas, ricas, múltiplas, já que existem várias festas, na mesma festa. Festa onde se encontram diversas linguagens e manifestações culturais, não restritas apenas ao forró, apesar dele ser a característica musical mais presente na festa segundo as revistas. A análise das matérias permitiu também visualizar a forma idealizada que as festas juninas do nordeste são colocadas nas revistas de turismo, como sendo um dos melhores momentos de visitar e conhecer a região.

Na Revista Viagem e Turismo, o foco são os festejos e suas atividades. Já na Próxima Viagem o foco é no roteiro do forró, por isso as informações da matéria não estarem relatando as atividades ligadas diretamente à festa. Apesar da diferença dos objetivos dos textos, elas colocam as festas de forma bem semelhantes. A Viagem e Turismo se preocupa em descrever a festa e o seu local, dando atenção aos serviços indispensáveis a experiência turística, deixando o leitor avisado da deficiência de infra-estrutura turística da cidade; enquanto a Próxima Viagem, com uma linguagem mais rebuscada, usa de metáforas para dar ao leitor uma leitura mais visual do roteiro e da festa.

Os gestores turísticos das cidades e os produtores das festas podem usar essas matérias para verificarem como as festas são vistas e interpretadas, podendo assim, melhorar aspectos que porventura não condizam com seus propósitos com o evento. E aos atores que participam do evento, sejam trabalhando ou usufruindo, podem verificar como suas festas são vistas e vendidas no Brasil através das revistas.

Assim, a análise do discurso cumpre seu papel, esclarecer e perceber os significados que o discurso tem em uma determinada prática social.

## **Referências**

AGOSTINI, Bruno. As melhores festas juninas do Norte e Nordeste. **Revista Viagem e Turismo**. São Paulo: Editora Abril, maio, 2007.

BRANDAO, Helena H. Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. 8. ed. Campinas: UNICAMP, 2002.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A festa do interior**: migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal: EDUFRN, 2006.

DORNELES, V. A revista imperialista, análise do discurso de "Veja" na cobertura dos preparativos para a guerra EUA X Saddam. **Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Informação**, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom]

IÑIGUEZ, Lupicinio. (coord.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. João Pessoa: Idéia, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2004

\_\_\_\_\_. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3.ed. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1997.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 4.ed. Campinas: Pontes, 2002.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. 1.ed. São Paulo: Hackers, 1999.

SARDENBERG, Walterson. Nos passos do forró. **Revista Próxima Viagem**. São Paulo: Editora Peixes, maio, 2007.

SCHIFFRIN, Deborah. **Approaches to discourse**. Oxford, UK; Cambridge, Mass., USA: Blackwell publishing, 2003.

STUBBS, Michael. **Discourse analysis**: the sociolinguistic analysis of natural language. Chicago: The University of Chicago Press; Oxford, [Oxfordshir

<http://www.caruaru.pe.gov.br/dadosgerais.asp> / Acesso em Junho de 2007

<http://portal.pmcg.pb.gov.br/?page=81> / Acesso em Junho de 2007